

Fundamentos e Práticas da Fisioterapia 8

Bárbara Martins Soares
Larissa Louise Campanholi
(Organizadoras)



Bárbara Martins Soares
Larissa Louise Campanholi
(Organizadoras)

Fundamentos e Práticas da Fisioterapia 8

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

F981 Fundamentos e práticas da fisioterapia 8 [recurso eletrônico] /
Organizadoras Bárbara Martins Soares, Larissa Louise
Campanholi. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. –
(Fundamentos e Práticas da Fisioterapia; v. 8)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-155-8

DOI 10.22533/at.ed.558190703

1. Fisioterapia. I. Soares, Bárbara Martins. II. Campanholi,
Larissa Louise.

CDD 615.82

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A fisioterapia é uma ciência relativamente nova, pois foi reconhecida no Brasil como profissão no dia 13 de outubro de 1969. De lá para cá, muitos profissionais tem se destacado na publicação de estudos científicos, o que gera mais conhecimento para um tratamento eficaz. Atualmente a fisioterapia tem tido repercussões significativas, sendo citada frequentemente nas mídias, demonstrando sua importância e relevância. Há diversas especialidades reconhecidas pelo Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional (COFFITO): Fisioterapia em Acupuntura, Aquática, Cardiovascular, Dermatofuncional, Esportiva, em Gerontologia, do Trabalho, Neurofuncional, em Oncologia, Respiratória, Traumatológico-Ortopédica, em Osteopatia, em Quiropraxia, em Saúde da Mulher, em Terapia Intensiva. O fisioterapeuta trabalha tanto na prevenção quanto no tratamento de doenças e lesões, empregando diversas técnicas como por exemplo, a cinesioterapia e a terapia manual, que tem como objetivo manter, restaurar ou desenvolver a capacidade física e funcional do paciente. O bom profissional deve realizar conduta fisioterapêutica baseada em evidências científicas, ou seja, analisar o resultado dos estudos e aplicar em sua prática clínica. Neste volume 8, apresentamos a você artigos científicos relacionados à educação em fisioterapia dermatofuncional, do trabalho, respiratória, em terapia intensiva e em saúde pública.

Boa leitura.

Larissa Louise Campanholi e Bárbara Martins Soares Cruz.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| CAPÍTULO 1 | 1 |
| “BLITZ DA EDUCAÇÃO EM SAÚDE LABORAL”: RELATO DA IMPLANTAÇÃO DE UMA AÇÃO EDUCATIVA | |
| Maria Amélia Bagatini Larissa Oliveira Spidro Carolina Pacheco de Freitas Thomazi Éder Kröeff Cardoso Luís Henrique Telles da Rosa Nandara Fagundes Rodrigues | |
| DOI 10.22533/at.ed.5581907031 | |
| CAPÍTULO 2 | 7 |
| A FALTA DE INFORMAÇÃO DOS SERVIÇOS DE FISIOTERAPIA CAUSADA PELA DEFICIÊNCIA NA INTERAÇÃO DA EQUIPE MULTIPROFISSIONAL EM UMA UBS EM BELÉM / PA | |
| Luciana Morais Ribeiro Bianca Teixeira de Sousa Sandrys Karoline Martins Garcia Luana Valéria dos Santos Blois | |
| DOI 10.22533/at.ed.5581907032 | |
| CAPÍTULO 3 | 13 |
| A SITUAÇÃO EPIDEMIOLÓGICA DA AIDS NO MUNICÍPIO DE FORTALEZA NO PERÍODO DE 2007 A 2017 | |
| Elias Elijeydson de Menezes Ana Karoline da Silva Barroso Ana Stefany Dias Rocha Suelen Cynthia Alves Vasconcelos Thalia de Sousa Carneiro Izabel Janaina Barbosa da Silva | |
| DOI 10.22533/at.ed.5581907033 | |
| CAPÍTULO 4 | 24 |
| AÇÕES DE SAÚDE PÚBLICA NA PREVENÇÃO DA PARALISIA CEREBRAL: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA | |
| Gabriela Ferreira Oliveira de Souza Thauany Borissi Bueno dos Santos | |
| DOI 10.22533/at.ed.5581907034 | |
| CAPÍTULO 5 | 41 |
| ACESSIBILIDADE EM CLÍNICAS DE FISIOTERAPIA, HOSPITAIS E UNIDADES DE SAÚDE | |
| Luciana Morais Ribeiro Bianca Teixeira de Sousa Sandrys Karoline Martins Garcia Tereza Cristina dos Reis Ferreira | |
| DOI 10.22533/at.ed.5581907035 | |

CAPÍTULO 6 46

ANÁLISE DA DEPENDÊNCIA NICOTÍNICA EM TABAGISTAS DE UM CENTRO UNIVERSITÁRIO DO RIO GRANDE DO NORTE

Letícia Câmara de Moura
Felipe Azevedo de Andrade
Luanna Kaddyja Medeiros Azevedo
Maria de Fátima Leão dos Santos
Catharinne Angélica Carvalho de Farias
Robson Alves da Silva

DOI 10.22533/at.ed.5581907036

CAPÍTULO 7 54

ANÁLISE DO ESTRESSE OCUPACIONAL AUTO RELATADO E SINTOMAS OSTEOMUSCULARES EM EMPRESA DE DESENVOLVIMENTO DE SOFTWARES E EQUIPAMENTOS NO SEGMENTO DE ENERGIA ELÉTRICA EM JUIZ DE FORA, MINAS GERAIS

Daniela Vieira Pinto
Ingrid de Souza Costa
Giovanna Barros Gonçalves

DOI 10.22533/at.ed.5581907037

CAPÍTULO 8 60

ASSOCIAÇÃO ENTRE QUALIDADE DE VIDA E DOENÇA DE PARKINSON POR MEIO DO QUESTIONÁRIO PDQ-39: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

Thayane Kelly dos Santos Cândido
Marvin Paulo Lins

DOI 10.22533/at.ed.5581907038

CAPÍTULO 9 66

AUTOMEDICAÇÃO NO CONTEXTO DO ATENDIMENTO FISIOTERAPÊUTICO: VIVÊNCIAS DE PROFISSIONAIS

Maria Amélia Bagatini
Victoria Maria Ritter de Souza
Carolina Pacheco de Freitas Thomazi
Ibsen Diarlei da Silva

DOI 10.22533/at.ed.5581907039

CAPÍTULO 10 78

AVALIAÇÃO DA PREVALÊNCIA DO SONO, ESTRESSE E ANSIEDADE EM ACADÊMICOS DE FISIOTERAPIA

Natália Lima Magalhães
Kaliny Caetano Silva
Francelly Carvalho dos Santos
Giliena Barros Alves
Loyhara Ingrid Melo
Renato Mendes dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.55819070310

CAPÍTULO 11 90

AVALIAÇÃO DA QUALIDADE DE VIDA DOS MÚSICOS DA ORQUESTRA SINFÔNICA DA UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

Claudia Adriana Bruscatto
Maiara Menin
Vanessa Camila Plautz
Brenda Gelati Guarese
Natália Casagrande
Andressa Zeni
Jéssica Gabriele Vegher

DOI 10.22533/at.ed.55819070311

CAPÍTULO 12 100

AVALIAÇÃO ERGONÔMICA DO TRABALHO EM DOCENTES DO CURSO DE ANÁLISE DE DESENVOLVIMENTO DE SISTEMAS

Ananda Scalcon
Bárbara Maica
Jeniffer Sauthier Alves
Marjorie da Silva Rafael
Kemily Oliveira
Tatiana Cecagno Galvan
Carolina Pacheco de Freitas Thomazi

DOI 10.22533/at.ed.55819070312

CAPÍTULO 13 108

ESTUDO ECOLÓGICO DA PREVALÊNCIA DA TUBERCULOSE NO RIO GRANDE DO NORTE

Isabela Cristina Felismino da Silva
Ricardo Rodrigues da Silva
Adriene Cataline Rodrigues Fernandes
Amanda Raíssa Neves de Amorim
Julyane Caroline Moreira
Cíntia Maria Saraiva Araújo

DOI 10.22533/at.ed.55819070313

CAPÍTULO 14 111

FISIOTERAPIA ATRÁS DAS GRADES: OS DESAFIOS DA PROMOÇÃO EM SAÚDE NO CÁRCERE

Gabriel Vinícius Reis de Queiroz
Thelma Yara Falca dos Reis
Tatiane Bahia do Vale Silva

DOI 10.22533/at.ed.55819070314

CAPÍTULO 15 122

FORÇA MUSCULAR GLOBAL É FATOR PREDITOR DA FORÇA MUSCULAR RESPIRATÓRIA EM DIALÍTICOS

Viviane Lovatto
Fabiana Santos Franco
Joana Darc Borges de Sousa Filha
Mariel Dias Rodrigues
Patrícia Leão da Silva Agostinho

DOI 10.22533/at.ed.55819070315

| | |
|---|------------|
| CAPÍTULO 16 | 131 |
| INFLUÊNCIA DA FUNÇÃO PULMONAR SOBRE A DISTÂNCIA PERCORRIDA NO SHUTTLE WALKING TEST EM INDIVÍDUOS COM DOENÇA PULMONAR OBSTRUTIVA CRÔNICA | |
| Ana Carolina Zanchet Cavalli Emmanuel Alvarenga Panizzi Fabiola Hermes Chesani Mariana dos Passos Moreira | |
| DOI 10.22533/at.ed.55819070316 | |
| CAPÍTULO 17 | 142 |
| LEISHMANIOSE VISCERAL EM FORTALEZA-CE – CONTEXTO EPIDEMIOLÓGICO DE 2007 A 2017 | |
| Rodrigo Pereira do Nascimento Izabel Janaína Barbosa da Silva Rebeka Silvino Araújo Ana Beatriz Quinto Mendes Frota Juliana Paula Rebouças Menezes | |
| DOI 10.22533/at.ed.55819070317 | |
| CAPÍTULO 18 | 153 |
| LIMITES E POSSIBILIDADES DO PROCESSO DE INCLUSÃO ESCOLAR | |
| Jacyara de Oliveira Vanini Fabiola Hermes Chesani | |
| DOI 10.22533/at.ed.55819070318 | |
| CAPÍTULO 19 | 162 |
| MENSURAÇÃO DA PRESSÃO DO CUFF NA PREVENÇÃO DA PAV | |
| Stefhania Araújo da Silva Mikaely Soares da Silva Viviane Maria Bastos Carneiro Firmeza Alessandra Maia Furtado de Figueiredo Dandara Beatriz Costa Gomes Cristiane Maria Pinto Diniz Tannara Patrícia Costa Silva Nayara Caroline Ribeiro de Oliveira | |
| DOI 10.22533/at.ed.55819070319 | |
| CAPÍTULO 20 | 171 |
| O TRABALHO MULTIPROFISSIONAL COMO ALIADO NA ESTRATÉGIA DE INTERAÇÃO E PROMOÇÃO DA SAÚDE EM IDOSOS: RELATO DE EXPERIÊNCIA | |
| Soraya Sayuri Braga Nohara Aline dos Santos Falconi Sandra Regina Bonifácio Marcelo Geovane Persequino | |
| DOI 10.22533/at.ed.55819070320 | |
| CAPÍTULO 21 | 178 |
| PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO E CONDIÇÕES DE SAÚDE DE FUNCIONÁRIOS DE SERVIÇOS GERAIS DE UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR | |
| Thalita da Silva Fonseca Nayana Pinheiro Machado de Freitas Coelho | |
| DOI 10.22533/at.ed.55819070321 | |

| | |
|--|------------|
| CAPÍTULO 22 | 184 |
| PREVALÊNCIA DE DISFUNÇÕES OSTEOMIOARTICULARES EM PROFESSORES DE UMA ESCOLA DE IDIOMAS DA CIDADE DE MANAUS-AM | |
| Fernando Hugo Jesus da Fonseca Elisangela Costa Viana Geise Karoline Sales da Cunha Giselle Cristina Sampaio Faria Marleide Muca de Souza Maryellen Iannuzzi Lopes Galuch | |
| DOI 10.22533/at.ed.55819070322 | |
| CAPÍTULO 23 | 199 |
| PROGRAMA MULTIPROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE PARA MULHERES NO CICLO GRAVÍDICO-PUERPERAL E FAMILIARES ATENDIDOS NAS UNIDADES BÁSICAS DO MUNICÍPIO DE SANTA CRUZ - RN: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA | |
| Mateus Dantas de Azevêdo Lima Hélen Rainara Araújo Cruz Vanessa Patrícia Soares de Sousa | |
| DOI 10.22533/at.ed.55819070323 | |
| CAPÍTULO 24 | 207 |
| QUALIDADE DE VIDA DE CORTADORES DE CANA-DE-AÇÚCAR NO PERÍODO DA ENTRESSAFRA | |
| Suelen Marçal Nogueira Menandes Alves de Sousa Neto Doraci Maria dos Santos Trindade Monalisa Salgado Bittar | |
| DOI 10.22533/at.ed.55819070324 | |
| CAPÍTULO 25 | 217 |
| TECNOLOGIA ASSISTIVA: PERFIL DE USUÁRIOS DE CADEIRAS DE RODAS | |
| Fabiola Hermes Chesani Carla Santos Grosskopf Pyetra Prestes Negretti | |
| DOI 10.22533/at.ed.55819070325 | |
| CAPÍTULO 26 | 225 |
| VISITA DOMICILIAR NO SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE: EXPERIÊNCIAS DE UM CURSO DE FISIOTERAPIA | |
| Cássia Cristina Braghini Josiane Schadeck de Almeida Altemar | |
| DOI 10.22533/at.ed.55819070326 | |
| SOBRE AS ORGANIZADORAS | 229 |

LIMITES E POSSIBILIDADES DO PROCESSO DE INCLUSÃO ESCOLAR

Jacyara de Oliveira Vanini

Universidade do Vale do Itajaí
Itajaí – Santa Catarina

Fabiola Hermes Chesani

Universidade do Vale do Itajaí
Itajaí – Santa Catarina

RESUMO: O termo educação inclusiva supõe a disposição da escola de atender a diversidade total das necessidades dos alunos nas escolas comuns. O objetivo deste trabalho é identificar os limites e as possibilidades que os educadores inclusivos do município de Itajaí/SC encontram no seu cotidiano. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, exploratória e de campo. A técnica de coleta de dados foi realizada por meio de uma entrevista semiestruturada. Os dados foram examinados pela análise do conteúdo de Bardin. Participaram do estudo 80 educadoras, intérpretes e agentes de educação especial. As categorias apontadas pelas educadoras relacionam-se a: inclusão de todos, Inclusão longe do ideal e do real, falta de recursos humanos e estrutura física para inclusão e a amorosidade que move o ato educativo. O aluno com deficiência está na escola, então cabe a cada um, encarar esse desafio de forma a contribuir para que possam propiciar o início de uma inclusão escolar possível.

PALAVRAS-CHAVE: Educação inclusiva; Ensino regular; Educação continuada; Educador inclusivo.

ABSTRACT: The term inclusive education assumes the school's willingness to meet the full diversity of the needs of students in ordinary schools. The objective of this work is to identify the limits and possibilities that the inclusive educators of the municipality of Itajaí / SC find in their daily lives. This is a qualitative, exploratory and field-based research. The technique of data collection was performed through a semi-structured interview. The data were examined by analyzing the Bardin content. 80 teachers, interpreters and special education agents participated in the study. The categories indicated by the educators are related to: inclusion of all, Inclusion far from the ideal and the real, lack of human resources and physical structure for inclusion and the love that moves the educational act. The disabled student is in school, so it is up to each one to face this challenge in order to contribute to their initiation of possible school inclusion.

KEY WORDS: Inclusive education; Regular education; Continuing education; Inclusive educator.

1 | INTRODUÇÃO

Em 1994, no Brasil, foi publicada a Política Nacional de Educação Especial, que condiciona o acesso às classes comuns do ensino regular àqueles que possuem condições de acompanhar e desenvolver as atividades curriculares programadas do ensino comum, no mesmo ritmo que os alunos ditos normais (MOREIRA, 2013). No início do século XXI, o sistema educacional brasileiro abrigava dois tipos de serviços: a escola regular e a escola especial. Na última década, nosso sistema escolar modificou-se com a proposta inclusiva e um único tipo de escola foi adotado: a regular, que acolhe todos os alunos, apresenta meios e recursos adequados e oferece apoio àqueles que encontram barreiras para a aprendizagem e oferecem a educação inclusiva. A educação inclusiva compreende a educação especial dentro da escola regular e transforma a escola em um espaço para todos (CARDOSO; LEANDRO, 2017). Mantoan (2009) defende que a escola regular pode ser substituída pela escola das diferenças ou pela pedagogia da adversidade para ser capaz de organizar situações de ensino e gerar espaço em sala de aula capaz de incluir, com o intuito de que todos os alunos possam ter acesso a todas as oportunidades educacionais e sociais oferecidas pelo âmbito escolar sem qualquer distinção.

A inclusão no ensino regular enfrenta inúmeras dificuldades em diferentes aspectos, pois vivemos em uma sociedade ao qual tudo é criado pensando em um indivíduo dito normal, isso gera grande dificuldade para as pessoas com deficiência (de acordo com a Convenção sobre Direitos das Pessoas, realizada no ano de 2012), desde acessibilidade à inclusão no ambiente educacional, ao qual exige profissionais capacitados, recursos metodológicos e acompanhamento especializado (JORGE et al. 2015).

Diante das situações legais e educacionais, os educadores inclusivos, professores e agentes de apoio de educação especial são atores considerados de suma importância no contexto escolar e no processo de ensino e da aprendizagem, pois estão em contato direto com essa criança, constituindo-se do meio de produção do conhecimento, além de ser o facilitador no processo ensino-aprendizagem (TAVARES; SANTOS e FREITAS, 2016).

Sabe-se então que todos os indivíduos possuem direito à educação, no entanto, é necessário saber como construir esse processo inclusivo de qualidade para todos. Visando esse contexto histórico, este estudo nos questiona: quais os limites e possibilidades do processo de inclusão escolar.

Com base nisso, este trabalho foi elaborado a partir do cotidiano dos educadores no município de Itajaí/SC com o objetivo de identificar os limites e possibilidades no processo de inclusão escolar a partir da ótica dos educadores inclusivos do município de Itajaí.

2 | MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa possui caráter qualitativo, exploratório e de campo. A pesquisa qualitativa é, segundo Turato (2005), quando se busca investigar o significado das coisas. Já a pesquisa exploratória é utilizada geralmente quando o assunto possui pouco conhecimento no meio científico, e é pouco explorado, proporcionando uma visão geral de determinado fato ou fenômeno. Tem como objetivo desenvolver, informar, modificar definições e ideias, tendo em vista a resolução de problemas propostos no estudo (GIL, 2007).

O trabalho possui financiamento pela Fundação de Apoio a Pesquisa Científica e Tecnológica do Estado de Santa Catarina (FAPESC) e pelo Programa Institucional de Bolsas a Iniciação Científica (ProBIC) e foi inscrito no Sistema Nacional de Ética em Pesquisa (SISNEP) e aprovado pela Comissão de Ética da UNIVALI conforme parecer número 1.134.168.

Segundo a Secretaria Municipal de Educação, Itajaí possui cento e treze escolas, sendo sete centros educacionais em tempo integral, sessenta e seis centros de educação infantil, três centros educacionais, vinte e oito escolas básicas, cinco escolas isoladas e quatro grupos escolares. As escolas selecionadas para a pesquisa foram pré-selecionadas pelo Supervisor de Educação Especial do município onde os critérios foram escolas que possuem estudantes com necessidades educacionais especiais (NEE), conseqüentemente, professores de educação inclusiva locados nas salas de recursos multifuncionais (SRMs), intérpretes das línguas de sinais e agentes de educação especial das quais, acompanhavam os alunos com NEE.

Os sujeitos do estudo se constituíram por uma amostra intencional, sendo estes: educadores inclusivos das salas de recursos multifuncionais, intérpretes de língua de sinais e agentes de educação especial (AEE) dos alunos com deficiência na rede municipal de Itajaí/SC.

A técnica de coleta dos dados foi a entrevista semiestruturada. Com o intuito de não atrapalhar a rotina da escola e dos professores, as entrevistas ocorreram na escola em horários estabelecidos pela direção da escola e estavam presentes somente a pesquisadora e o entrevistado. As questões da entrevista se referiam à concepção dos educadores sobre o processo de inclusão escolar e as facilidades e dificuldades que os mesmos encontram na profissão. As entrevistas foram gravadas em gravador de voz e posteriormente transcritas.

Após as transcrições das entrevistas, os dados foram examinados através da análise de conteúdo de Bardin (2011). A análise de conteúdo é um dispositivo apto para o tratamento da informação recolhida pela capacidade de promover a multidimensionalidade dos fenômenos, através das falas produzidas pelos autores, permitindo um desvendar crítico. A conceitualização da análise de conteúdo pode ser concebida de diferentes formas, tendo em vista a vertente teórica e a intencionalidade do pesquisador que a desenvolve, seja adotando conceitos relacionados à semântica

estatística do discurso, ou ainda, visando à inferência por meio da identificação objetiva de características das mensagens. Esse processo de análise contribuiu para compreendermos o processo de inclusão escolar na ótica dos educadores inclusivos dos alunos com deficiência.

Os preceitos éticos da resolução 466/12 foram seguidos e a coleta de dados só iniciou após a aprovação da Comissão de Ética conforme parecer número 1.134.168. Portanto, as entrevistas aconteceram no período de março à agosto/2016. A fim de manter o anonimato, as participantes receberam o codinome educadoras seguido de numerais.

3 | RESULTADOS

Participaram do estudo oitenta educadoras inclusivas das trinta e seis escolas da rede municipal de Itajaí, sendo entre elas, seis centros educacionais integrados (CEI), vinte e oito escolas de educação básica e dois centros de educação em tempo integral (CEDIN).

Os resultados serão discutidos em tópicos a partir das categorias constituintes empíricas que emergiram sobre os limites e possibilidades do processo de inclusão na ótica dos educadores inclusivos. Com o intuito de alcançar o objetivo deste trabalho os limites foram: recursos humanos e estrutura física para inclusão. Já as possibilidades foram as seguintes: relações entre os profissionais, aluno e a escola como um todo.

As unidades de registro apontadas na categoria limites foram:

Falta de acessibilidade na escola e formação para os professores e agentes de educação especial (educadora 34).

A falta de preparação dos profissionais (educadora 42).

Todas possíveis. Falta de formação e ambiente adequado seria algumas delas (educadora 46).

No contexto geral, falta estrutura física nas escolas para atender crianças com necessidades especiais, principalmente cadeirantes (educadora 17).

A principal é a falta de uma estrutura física das escolas (educadora 24).

Material, valorização do profissional, incentivo, conscientização da família, cursos, interação dos agentes com a família, escola... Inclusão de fato (educadora 28).

Na função como educadora inclusiva encontro muitas dificuldades com os pais, eles apresentam resistência ao nosso trabalho e muito pouca informação sobre qual é a verdadeira função (educadora 39).

Espaço físico inadequado e falta de conhecimento específico (educadora 45).

A falta de conhecimento dos pais. Os pais muitas vezes não sabem nem entendem

o que acontece com o filho. Acredito que deveriam ser feitas reuniões, palestras, para deixar os pais cientes (educadora 80).

Na maioria das vezes compreensão dos pais por falta de informações, de limites dos seus filhos (educadora 9).

Várias dificuldades, começando pela família, passando pelo corpo docente da escola e pela falta de estrutura física adequada ao aluno com deficiência (educadora 15).

E quando emergida a categoria das possibilidades desse processo, observou-se nas unidades de registro:

Tem que gostar e amar o que faz. Amo meu serviço (educadora 6).

Tendo a cada dia experiências, amor com cada criança (educadora 9).

Tenho bom relacionamento com os pais e muita paciência e amor com as crianças (educadora 14).

Através da interação entre eu e o aluno, respeito, carinho, amizade, busco um melhor caminho para poder lidar com este aluno (educadora 17).

É uma área em crescimento, não existe facilidade, existe muita persistência e amor (educadora 37).

Que o aluno passa muito amor e confiança para gente, isso facilita nosso trabalho (educadora 56).

Amor e respeito pelo diferente (educadora 58).

A facilidade!! O meu amor pela minha profissão (educadora 61).

Gostar do que faço facilita muito meu trabalho (educadora 71).

Gosto muito de estar ao lado das minhas alunas. Tem que gostar do que faz (educadora 76).

O amor por qualquer criança. A bondade de cada um (educadora 80).

4 | DISCUSSÃO

Quando vistos os limites, pôde-se ver que os recursos humanos e a estrutura física para a inclusão formam as maiores barreiras.

Numa escola inclusiva o papel de cada educador é considerado um recurso rico para a troca de experiências com o objetivo de aperfeiçoar a prática docente e de todos os envolvidos. Sobre essa formatação, Mantoan (2006) destaca que:

[...] todo plano de formação deve servir para que os professores se tornem aptos ao ensino de toda a demanda escolar. Dessa forma, seu conhecimento deve ultrapassar a aceitação de que a classe comum é, para os alunos com necessidades especiais, um mero espaço de socialização.

Assim, a formação docente deve apresentar como um de seus pilares o pressuposto de que a escola é um ambiente no qual todos têm capacidade de aprender. Uns de maneira mais específica do que outros. A proposta de uma escola inclusiva tende a promover um sistema unificado de ensino que atenda à diversidade do alunado (LIMA; CAVALCANTE, 2010).

É enorme a responsabilidade de professores e profissionais da educação. Eles têm de dar resposta a múltiplas tarefas, e promover as aprendizagens dos seus alunos, contribuindo para o seu desenvolvimento pleno, sem esquecer que devem considerar as suas características pessoais e sociais.

Para responder a estes desafios e às diferentes visões da escola, também a formação de professores se torna um processo complexo. Pensar a formação dos professores/educadores exige ter em conta a realidade da escola e as funções que têm de assumir os docentes, a quem se exige um amplo perfil de competências, “alguém a quem a sociedade confia a tarefa de criar contextos de desenvolvimento humano que envolvam o educando na multiplicidade de tarefas e interatividade das suas dimensões: cognitiva, afetiva, psicomotora, linguística, relacional, comunicacional, ética” (ALARCÃO; ROLDÃO, 2009).

Quando visto sobre a acessibilidade, sabe-se que é requisito indispensável, através dela é possível garantir o acesso de todos os alunos na escola, assim como a circulação dos mesmos pelos diversos espaços escolares. De acordo com o Decreto 5.296 de 2 de dezembro de 2004 a acessibilidade é definida como:

[...] condição para utilização, com segurança e autonomia, total ou assistida, dos espaços, mobiliários e equipamentos urbanos, das edificações, dos serviços de transporte e dos dispositivos, sistemas e meios de comunicação e informação, por pessoa portadora de deficiência ou com mobilidade reduzida. (BRASIL, 2004, p. 45-46).

Nesse sentido, é necessário que os espaços sejam constituídos por uma infraestrutura adequada que garanta a locomoção de todos. A acessibilidade permite que os membros da equipe escolar e alunos circulem pelos ambientes da escola com facilidade, conforto e segurança.

Vê-se que dentro do contexto legal, existe a Lei nº 10.098/00 (BRASIL, 2000), deixando claro que todas as escolas devem promover ambiente acessível, adequando os espaços que atendam à diversidade humana e eliminando as barreiras arquitetônicas. Também foi promulgado o Decreto nº 5.296/04 que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas com deficiência.

Percebe-se que além da infraestrutura, há grande desconforto e insatisfação das profissionais quanto à participação do grupo familiar na inclusão dessas crianças, Moura e Valério (2003) dizem que a vinda de uma criança representa uma série de significações, como alegria, orgulho, união de pessoas queridas e principalmente a celebração da vida, ou seja, o nascer simboliza novas possibilidades. No entanto, para algumas famílias o nascimento pode não ser uma representação da alegria e

sim momentos de lágrimas, desespero, confusão e medo, ocasionando assim uma (des) estruturação no estilo de viver do núcleo familiar. Partindo disso, o pensamento de Santos e Oliveira (2015), diz que a chegada de uma criança com deficiência gera uma infinidade de sentimentos contraditórios que implicarão em mudanças profundas em sua forma de ser. Geralmente, tal evento torna-se um acontecimento traumático, envolto por um clima de muitas incertezas e confusões. Estudos revelam que as famílias que possuem pessoas com necessidades especiais passam por um choque e são sensíveis à mudança de planos. A realidade dessas famílias é permeada por sentimentos incertos; os meios de enfrentamento de cada um em trabalhar com a deficiência irão definir com precisão o significado da experiência e de toda a vivência dos familiares.

De acordo com afirmações de Glat (1989), a família influencia no processo de integração social da criança com NEE, e que a questão da influência deve ser vista por dois aspectos, o primeiro é a facilitação ou impedimento que a família traz para a integração da pessoa portadora de deficiência na comunidade, e a segunda é a integração da pessoa com deficiência na sua própria família. Integração não é viver em função do deficiente, o autor ainda enfatiza dizendo que essa visão é falsa, porque o integrar é construir juntamente com a criança especial seu espaço social, fazendo com que esta criança se reconheça de forma natural no convívio familiar. É importante que a família realize adaptações para o desenvolvimento da criança especial, pois dessa forma a família cria um ambiente que oportuniza e ofereça segurança a essa criança, assim um lugar seguro proporciona a criança NEE se descobrir e conhecer a sociedade.

Já visando as possibilidades, percebeu-se as relações entre os profissionais, alunos e a escola como um todo.

Nas palavras de Freire (2000), a educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer ao debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa.

O amor e o prazer no trabalho são identificados como a principal e indispensável motivação para a busca de aprimoramento profissional, subordinando até mesmo a busca de formação e profissionalização (ALVES, 2006).

5 | CONCLUSÃO

Sabe-se que todos os indivíduos possuem direito à educação, no entanto, é necessário saber como construir esse processo inclusivo de qualidade para todos. A educação é o pilar principal de sustentação no desenvolvimento de qualquer cidadão, e que incluir o educando com necessidades educacionais especiais faz com que além de assegurá-lo a possibilidade de seu crescimento, de certa forma também é uma maneira de garantir que ele seja respeitado no ambiente e pelas pessoas que o cercam. E a lei protege essa inclusão no ambiente escolar regular, mas nem sempre

favorece a aplicabilidade de materiais, espaço arquitetônico, profissionais preparados e até mesmo cursos preparatórios para esses profissionais. Vê-se que entre todas as educadoras, havia algo imprescindível que é capaz de ultrapassar todas as barreiras que encontram ao longo da caminhada, e isso nos foi relatado e demonstrado através da amorosidade pela profissão e pelas crianças. Apesar da quantidade de barreiras, de limites e de todo e qualquer preconceito, essas profissionais mostram-se firmes diante dos seus ideais. Que apesar de todos os pesares, não existe nada que faça com que elas desistam dos seus princípios e das “suas” crianças, que era a forma carinhosa como as mesmas falavam dos alunos com necessidades educacionais especiais dependente dos seus serviços.

Estamos conscientes de que o desafio colocado aos educadores é grande, mas, o aluno com deficiência está na escola, então cabe a cada um, encarar esse desafio de forma a contribuir para que no espaço escolar, aconteçam avanços e transformações, ainda que pequenas, mas que possam propiciar o início de uma inclusão escolar possível.

REFERÊNCIAS

ALARCÃO, I.; ROLDÃO, M. C. Supervisão - Um contexto de desenvolvimento profissional dos professores. **Mangualde**: Edições Pedagogo, 2009.

ALVES, I. K. **A formação docente no contexto da educação inclusiva**. 70 f. Monografia (Graduação) - Curso de Especialização em Educação Especial: Professores Inclusivos, Universidade Federal do Estado do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação inclusiva**. MEC, 2008.

BRASIL. **IBGE**. Cidade de Itajaí/SC. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=420820>>. Acesso em: 20 abr. 2017.

BRASIL. **Presidência da República. Lei nº 10.098 de 19 de Dezembro de 2000**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5296.htm>. Acesso em: 2 jun 2017.

BRASIL. **Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência. Acessibilidade**. Brasília: Secretaria Especial dos direitos humanos, 2006.

CARDOSO, D. V. C. S.; LEANDRO, P. M. **EDUCAÇÃO ESPECIAL E EDUCAÇÃO INCLUSIVA**. Congresso Nacional de Educação - Conedu. Campina Grande, p. 1-13. jun. 2017.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 11ª ed. Rio de Janeiro: **Paz e Terra**, 2000.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2007.

GLAT, R. **Somos iguais a vocês: depoimentos de mulheres com deficiência mental**. Rio de Janeiro:

Editora Agir, 1989.

JORGE, M.L.D. et al. Educação Inclusiva e a implementação das Salas de Recursos Multifuncionais. Id on Line **Revista de Psicologia**, v.9, n.25, p. 62-90, fev. 2015.

LIMA, H. S.; CAVALCANTE, T. C. F. **A formação continuada do professor para educação inclusiva na rede municipal do Recife**. Universidade Federal de Pernambuco. 2010.

MANTOAN, M T. É. Et al. **O desafio das diferenças nas escolas**. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

MANTOAN, M. T. E. Igualdade e diferença na escola: como andar no fio da navalha. In: MANTOAN, M. T. E.; PIETRO, R. G. (orgs). **Inclusão escolar: pontos e contrapontos**. São Paulo: Summus, 2006.

MOREIRA, C. **Marcos históricos e legais da Educação Especial no Brasil**. 2013. Disponível em: <<http://cmoreira2.jusbrasil.com.br/artigos/111821610/marcos-historicos-e-legais-da-educacao-especial-no-brasil>>. Acesso em: 06 abr. 2017.

MOURA, L.; VALÉRIO, N. **A família da criança deficiente**. São Paulo, v. 3, n. 1, p. 47-51, 2003.

SANTOS, A. C. A.; OLIVEIRA, V. M. S. A FAMÍLIA COMO ELEMENTO PARA A INCLUSÃO SOCIAL DO DEFICIENTE. **Ideias & Inovação**, Aracaju, v. 2, n. 2, p.47-58, mar. 2015.

TAVARES, L. M. F. L.; SANTOS, L. M. M.; FREITAS, M. N. C. A Educação Inclusiva: um Estudo sobre a Formação Docente. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v. 22, n. 4, p.527-542, dez. 2016.

TURATO, E. R. Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. **Rev Saúde Pública**, 2005.

SOBRE AS ORGANIZADORAS

BÁRBARA MARTINS SOARES CRUZ Fisioterapeuta. Mestre e doutora em Oncologia (A. C. Camargo Cancer Center). Pós-graduada em Fisioterapia em Terapia Intensiva (Inspirar). Pós-graduanda em Fisioterapia Cardiorrespiratória (Inspirar). Linfoterapeuta® (Clínica Angela Marx) Docente na Faculdade Pitágoras Fortaleza (unidade Centro). Docente na Faculdade Inspirar (unidades Fortaleza, Sobral e Teresina). Membro do Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Tecnologia Intensiva (FATECI).

LARISSA LOUISE CAMPANHOLI Mestre e doutora em Oncologia (A. C. Camargo Cancer Center). Especialista em Fisioterapia em Oncologia (ABFO). Pós-graduada em Fisioterapia Cardiorrespiratória (CBES). Aperfeiçoamento em Fisioterapia Pediátrica (Hospital Pequeno Príncipe). Fisioterapeuta no Complexo Instituto Sul Paranaense de Oncologia (ISPON). Docente no Centro de Ensino Superior dos Campos Gerais (CESCAGE). Coordenadora do curso de pós-graduação em Oncologia pelo Instituto Brasileiro de Terapias e Ensino (IBRATE). Diretora Científica da Associação Brasileira de Fisioterapia em Oncologia (ABFO).

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-155-8

